

Hoje, o mundo reconhece que o preparo educacional e cultural de um país é mais importante do que sua riqueza física. Nos Estados Unidos, por exemplo, estima-se que o capital humano desse país é pelo menos três vezes mais importante do que o seu capital físico.

A Sociedade do Conhecimento e da Informação avança e aprofunda-se em todo mundo, sem limites. A riqueza e a pobreza das nações estão associadas ao seu progresso educacional, científico e tecnológico. Estas componentes do desenvolvimento social são, portanto, preocupações permanentes de todas as nações do mundo. No Relatório Faure (Edgar Faure, 1972), considerado marco importante na ação mundial da UNESCO, encontra-se a seguinte afirmação:

A partir de agora, a educação não se define mais em relação a um conteúdo determinado que se trata de assimilar, mas concebe-se, na verdade, como um processo de ser que, através da diversidade de suas experiências, aprende a exprimir-se, a comunicar, a interrogar o mundo e a tornar-se sempre mais ele próprio. A idéia de que um homem é um ser inacabado e não pode realizar-se senão ao preço de uma aprendizagem constante, tem sólidos fundamentos não só na economia e na sociologia, mas também na evidência trazida pela investigação psicológica. Sendo assim, a educação tem lugar em todas as idades da

vida e na multiplicação das situações e circunstâncias da existência. Retoma a verdadeira natureza que é ser global e permanente, e ultrapasse os limites das instituições, dos programas e dos métodos que lhe impuseram ao longo dos séculos.

Pode-se considerar que a educação brasileira apresentou melhores resultados nas últimas décadas. Mas é preciso avançar muito mais.

1) Analfabetismo – População de 15 anos ou mais:

Ano	Número absoluto	Percentual
1920	11.401.715	64,9%
1980	18.651.762	25,4%
1991	19.233.239	20,1%
1999		13,3% *

Fonte: INEP. Aval. Sist. Educ.Bras.- Tendências e Perspectivas, 1998;

(*)Estatísticas Educacionais, IBGE-PNAD

Consideramos, porém, que, apesar da melhora ao longo do século passado, o atual índice de analfabetismo no País ainda é muito elevado. O Brasil ainda inclui-se entre os dez países do mundo com maior número de analfabetos.

2) Educação para todos

De acordo com compromisso assumido juntamente com outros países no início da década de 1990, o Brasil deveria universalizar o acesso ao ensino fundamental até o fim da década.

Apesar dos esforços, chegamos a atender a 96% das crianças em idade escolar. Não há justificativa técnica, financeira ou de recursos humanos que justifique a existência ainda de cerca de 2.000.000 de crianças fora da sala de aula. Essas crianças, provavelmente, compõem grande parte dos meninos de rua nas grandes cidades brasileiras e os menores que estão sendo explorados com pesados trabalhos no campo.

3) Ensino Médio

O Ensino Médio regular incorporou 3,5 milhões de alunos entre 1994 e 2001. Neste nível de ensino, o Brasil alcançou os seus melhores resultados: um aumento percentual de 71% nas matrículas e mais do que duplicou o número de concluintes no mesmo período.

E importante acrescentar que, no Ensino Médio Supletivo, as matrículas excedem a 1.000.000 de alunos. Em relação a 1995, houve um aumento de 194%. Registre-se, ao longo da série histórica de números seguidamente crescentes. Entretanto, isso é apenas parte do dever de casa a ser feito, já que o aumento quantitativo das matrículas nos diversos níveis de ensino não está sendo acompanhado do necessário e obrigatório indicador de qualidade. A Sociedade do Conhecimento e da Informação exige qualidade e excelência na formação dos cidadãos. Aqui está a nossa maior reflexão. Deve esperar dos futuros dirigentes do País mais do que o cumprimento das metas quantitativas. Educação exige qualidade.

Ciência e Tecnologia

Educação, Ciência e Tecnologia são vertentes interligadas que alimentam, impulsionam e aceleram a Sociedade do Conhecimento e da Informação. A qualidade e a excelência permeiam esses três pilares do mundo contemporâneo.

A Universidade é o *locus* privilegiado do saber, que é construído principalmente pela pesquisa e pós-graduação. No caso brasileiro, chegamos ao paradoxo de construir uma pirâmide invertida: temos uma pós-graduação comparável à do mundo desenvolvido, mas não fomos ainda capazes de resolver problemas bem mais elementares relacionados à educação fundamental.

E bem conhecido o fato de a ciência brasileira não se ter desenvolvido na linha tecnológica. Por isso ou em consequência disso, há de fato um verdadeiro *apartheid* entre a academia e o setor empresarial. Isso não acontece com países desenvolvidos. Nos últimos anos, tem havido um grande esforço no sentido de uma aproximação. Já há resultados palpáveis, mas ainda há muito o que se fazer.

Um dos problemas crônicos da área de C&T é assegurar recursos para o financiamento continuado das atividades. Pode-se considerar que, nos últimos 2 anos, o panorama começou a mudar para melhor, com a criação dos fundos setoriais. Esses fundos permitem a alavancagem de recursos para a atividade científica e tecnológica. Há preocupações quanto à predominância na sua aplicação. No passado, investiu-se, de modo concentrado, na atividade científica fundamental, tendo ficado de lado a atividade tecnológica. Teme-se que, agora, os recursos dos fundos negligenciem a pesquisa básica. É importante que haja um equilíbrio estratégico nos investimentos.

Há um princípio constitucional a favor da regionalização do orçamento. A C&T no Brasil exacerbou na concentração de investimentos na região sudeste do País, acarretando desequilíbrios superiores aos verificados quando analisados os indicadores sócio-regionais do País. Espera-se dos presidentiáveis um compromisso simples e factível: cumprir a Constituição também quanto a esse assunto.